

## 4. Jacob Burckhardt e Friedrich Nietzsche: Contatos

### 4.1 Crítica à Filosofia da História

Jacob Burckhardt e Friedrich Nietzsche partilhavam de uma visão crítica da história, que era vista como um processo linear e progressivo, pautado em leis do desenrolar histórico. Ambos discordavam de Hegel e de sua concepção de História Universal, uma história que acreditava que “há muito que as mudanças que ocorrem na história são caracterizadas igualmente como um progresso para o melhor e o mais perfeito.”<sup>1</sup>

Burckhardt negava a Filosofia da História Hegeliana e divergia das teorias sobre o progresso da história. O historiador julgava-se incapaz de especular ou produzir pensamentos abstratos.<sup>2</sup> Em sua opinião, não caberia aos historiadores perder tempo procurando encontrar o começo ou as causas iniciais de uma cultura ou de um povo, pois seria impossível conseguirmos desvendar os mistérios originários sem deixar nada de importante para trás.

Segundo Burckhardt, o principal foco da análise histórica estaria no homem. O historiador destaca que não seria benéfico para um indivíduo saber de antemão os detalhes referentes à sua morte. Da mesma forma, ele ressalta que seria extremamente nocivo para uma sociedade conhecer previamente as etapas do seu futuro. Para Burckhardt, isso seria uma falácia que conduziria a humanidade a grandes erros, na medida em que poderia alterar o modo como agiriam os homens.

---

<sup>1</sup> HEGEL, Friedrich. *Filosofia da História*. Trad. Maria Rodrigues e Hans Harden. Brasília: UNB, 1995.

<sup>2</sup> Escreve Burckhardt: “Um homem como eu, que é ao mesmo tempo incapaz de especular e que não se entrega a pensamentos abstratos nem por um minuto que seja durante um ano inteiro, age melhor se investigar e esclarecer as questões mais importantes de sua vida do modo que lhe for natural.” Carta de 19 de junho de 1842 a Karl Fresenius, in BURCKHARDT, Jacob. *Cartas*. Rio de Janeiro: Topbooks, 2003, p. 163. Acreditamos que essa suposta incapacidade do historiador com relação à especulação parece muito mais proveniente da sua descrença, e, conseqüentemente, de seu desinteresse pelas explicações Filosóficas da História do que fruto de uma possível inabilidade sua, nesse âmbito.

Conforme ele escreve:

Não fomos iniciados nos desígnios da sabedoria eterna e portanto não os conhecemos. Esta audaz antecipação de um plano mundial conduz a erros a partir de premissas errôneas.<sup>3</sup>

Partindo de premissas semelhantes, Friedrich Nietzsche vê a história compreendida a maneira hegeliana como aniquiladora das forças transformadoras do homem na sociedade, na medida em que é responsável por impossibilitá-lo de um maior engajamento no presente em prol da sua atuação, a favor de um futuro idealizado. Nietzsche acreditava que esse tipo de pensamento levaria o homem a tornar-se como uma “marionete pendurada num fio, executando fielmente os movimentos que lhe são ordenados”.<sup>4</sup>

Conforme afirma o filósofo, não é saudável para nenhuma sociedade imaginar que se é o resultado tardio de épocas passadas. Na sua visão, durante o século XIX não houve uma única transformação, um único momento de fraqueza da sociedade alemã que não tenha se tornado mais prejudicial devido à influência do hegelianismo. No que concerne à filosofia hegeliana, critica Nietzsche:

Foi esta concepção que acostumou os alemães a falar do “processo universal” e a justificar a sua própria época como sendo o resultado necessário desse processo. Foi ainda ela que destronou as outras potências espirituais, a arte e a religião, em proveito da história como sendo “o conceito que se realiza em si mesmo”, a dialética do espírito dos povos” e o “Juízo final.”<sup>5</sup>

Para Nietzsche, a ideia moderna de progresso, presente em Hegel, de que o espírito segue em direção à liberdade, e de que o caminho da consciência do espírito seria uma evolução que permitiria a construção de um estado perfeito na posteridade. Ou, nos termos do historiador Reinhart Koselleck, essa época em que o conteúdo de expectativa desloca-se do espaço de experiência e abre-se para o futuro<sup>6</sup>, é danosa à sociedade. Contrário a esse pensamento, o filósofo acredita na infinitude do tempo e entende o transcorrer da temporalidade através das ideias de eternidade e circularidade.

<sup>3</sup> BURCKHARDT, Jacob. *Reflexões sobre a História*. Tradução: Leo Gilson. Rio de Janeiro: Zahar, 1961, p. 11.

<sup>4</sup> NIETZSCHE, Friedrich. “II Consideração Intempestiva sobre a utilidade e os inconvenientes da História para a vida.” In: *Escritos sobre História*. Trad. Noéli Correia de Melo Sobrinho. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio; São Paulo: Loyola, 2005, p. 146.

<sup>5</sup> *Ibid.*, p. 145.

<sup>6</sup> KOSELLECK, Reinhart. *Futuro Passado*. Contribuição à semântica dos tempos históricos. Trad. Wilma Patrícia Maas e Carlos Almeida Pereira. Rio de Janeiro: Contraponto/Ed. PUC-Rio, 2006.

## 4.2

### Cultura, conservadorismo e Reforma da Cultura

Jacob Burckhardt e Friedrich Nietzsche, como tantos outros intelectuais de sua época, negavam o crescimento das massas, receavam o recente processo de industrialização, discordavam das ideias de democracia e sufrágio universal e temiam o comunismo. Ambos comungavam de uma sensação de esvaziamento da tradição cultural europeia, oriunda das mudanças pelas quais passava o século XIX.

Tanto um quanto o outro desconfiavam dos “progressos da modernidade” e do determinismo da história, e buscavam na Grécia Clássica um modelo. No entanto, enquanto para Burckhardt, a sua opção pela história era uma forma de lutar para defender aquilo que ele mais prezava, a cultura da velha Europa. Para o jovem Nietzsche, com o pessimismo romântico característico dos seus primeiros escritos, a reforma da cultura (*Kultur*) alemã do seu tempo e, conseqüentemente, da sociedade ocorreria através do renascimento da tragédia grega, baseada na filosofia de Schopenhauer e na música de Richard Wagner. Como escreve Ernani Chaves:

Ao contrário de Burckhardt que permanece prisioneiro do “humanismo clássico”, para o “jovem” Nietzsche não se trata apenas de mostrar a importância dos ideais clássicos, algo perigosamente próximo da “veneração antiquária”, mas de promover sua radicalização e revisão do presente.<sup>7</sup>

No que concerne a *Kultur* (cultura), acreditamos que a imagem presente na obra do jovem Nietzsche da cultura como uma força antagonista frente ao estado e a religião, como um poder capaz de transformar a sociedade, seja procedente de seu contato com as ideias do historiador Jacob Burckhardt.

A *Kultur* (cultura), para Burckhardt, consistiria na “soma total de criações do espírito humano que não reivindicam para si uma validade obrigatória universal.”<sup>8</sup> Ela carregaria consigo uma função regulatória e não coercitiva sobre

<sup>7</sup>CHAVES, Ernani. *Cultura e política: o jovem Nietzsche e Jakob Burckhardt*. In: Cadernos de Nietzsche, Departamento de Filosofia da USP. São Paulo, n. 9, p. 41-66, 2000, p. 53.

<sup>8</sup>BURCKHARDT, J. *Reflexões sobre a História*, op. cit., 62.

as duas outras potências estáveis, o estado e a religião<sup>9</sup>, excetuando-se os períodos em que essas duas potências limitam-na, fazendo com que ela trabalhe a seu favor.

Segundo Burckhardt, a cultura representaria a “crítica de ambos os fatores restantes, o relógio que soa a hora fatídica em que a forma e o conteúdo da Religião e do Estado já não coincidem exatamente.”<sup>10</sup> Sendo assim, dependeria dela o equilíbrio entre as três potências.

Burckhardt observa que há épocas que vivem sob os propósitos da política, épocas que se encontram sob a égide da religião e épocas de grande predomínio cultural. Estas últimas, em sua visão, teriam ocorrido no período da Grécia Clássica e durante o Renascimento Italiano, e seriam frutos do relacionamento equilibrado, coordenado pela cultura entre as três potências.

Segundo Nietzsche, o que o século XIX denomina cultura seria o contrário daquilo que na sua visão caracterizaria uma cultura verdadeira, o filósofo define a cultura como “o contrário de uma barbárie, como sendo a unidade do estilo artístico em todas as manifestações da vida deste povo.”<sup>11</sup>

A cultura para Nietzsche deveria possibilitar uma unidade cultural coesa, criadora e viva, ela seria o oposto da “pseudocultura” do XIX, que na sua opinião, é acumuladora e entende o tempo histórico como sucessivo e linear. Segundo Nietzsche:

Quem se propuser a forjar e promover a cultura de um povo, então, que forje e promova esta unidade superior, que colabore com a destruição da falsa cultura moderna em proveito de uma verdadeira cultura, que ouse refletir sobre a maneira de restabelecer a saúde de um povo contaminado pelos estudos históricos, restituindo-lhes, assim, os seus instintos e a sua probidade.<sup>12</sup>

A antiguidade grega seria um modelo cultural, tanto para Burckhardt como para Nietzsche. O filósofo enfatiza o sentido a-histórico grego, onde haveria uma diferença entre “ser culto” e ter uma “cultura histórica”, entre sabedoria e cultura acumuladora. Segundo Nietzsche, um Heleno perdido na modernidade notaria que “nós não possuímos nada de próprio”, de original, e que apesar da nossa cultura histórica não passamos de “enciclopédias ambulantes.”<sup>13</sup>

---

<sup>9</sup>Para Burckhardt as características de uma sociedade podem ser definidas através das três potências que são: o estado, a religião e a cultura.

<sup>10</sup> Ibid., p. 62.

<sup>11</sup> NIETZSCHE, F. *II Consideração Intempestiva*. op. cit., p. 102.

<sup>12</sup> Ibid., p. 103.

<sup>13</sup> Ibid., p. 102.

Como solução para essa falsa cultura do século XIX, o filósofo propõe a utilização de uma “força plástica” oriunda do interior de um indivíduo ou de um povo. Essa “força plástica” seria resultado do acúmulo de energia e potências internas que possibilitaria ao homem “desenvolver-se de maneira original e independente, transformar e assimilar as coisas passadas e estranhas, curar as suas feridas, reparar as suas perdas, reconstituir por si próprio as formas destruídas.”<sup>14</sup>

A “força plástica” produziriaem certos tipos de homens ou culturas, uma maior capacidade de esquecimento e de incorporação dos acontecimentos históricos. De tal modo, que caberia a esse homem ou a essa cultura, ao entrar em contato com o seu passado, analisar as suas fragilidades e se apropriar desse acontecimento, transformando-o em seu “próprio sangue”<sup>15</sup>, com a intenção de utilizá-lo de forma benéfica para a vida. Conforme escreve Nietzsche:

A serenidade, a boa consciência, a atividade alegre, a confiança no futuro – tudo isto depende, num indivíduo, assim como num povo, da existência de uma linha de demarcação entre o que é claro e bem visível e o que é obscuro e impenetrável, da faculdade tanto de esquecer quanto de lembrar no momento oportuno, da faculdade de sentir com um poderoso instinto quando é necessário ver as coisas sob o ângulo histórico e quando não.<sup>16</sup>

Muito mais que uma crítica da história enquanto disciplina, Nietzsche, na sua *II Intempestiva*, propõe-se a criticar o excesso dos estudos históricos, que não servem à vida, e a exigência de que a história se aproxime da ciência. É história como doença que ele critica. O filósofo afirma que tanto o elemento histórico quanto o a-histórico são igualmente necessários à saúde de um povo, de um indivíduo ou de uma cultura.

Nietzsche também empreende uma crítica a pseudocultura formada no século XIX, que na sua visão era responsável pelo adoecimento da Alemanha desse período. Mais do que isso, podemos dizer que o filósofo teceu uma crítica à civilização moderna ocidental.

---

<sup>14</sup> Ibid., p. 73.

<sup>15</sup> Ibid., p. 74.

<sup>16</sup> Ibid., p. 74.

### 4.3 A História e a Arte

Burckhardt, ainda jovem, toma contato com a obra do filósofo alemão Arthur Schopenhauer, autor de *O Mundo como Vontade e Representação*,<sup>17</sup> e passa a admirá-lo. Da mesma forma, Nietzsche, após a leitura dos textos de Schopenhauer se inspira em algumas ideias do filósofo para formular os seus primeiros escritos. O entusiasmo de ambos com a obra do filósofo alemão era grande, sendo esse um dos pontos de afinidade entre os dois.

Schopenhauer criticava as tentativas de explicação filosófica da história, pois para ele a essência das coisas não possuiria uma história. Os três discordavam das ideias de Hegel e buscavam se contrapor ao otimismo descabido das filosofias da histórias, sob os moldes hegelianos, em suas obras.

Tanto Burckhardt quanto Nietzsche discordavam das concepções científicas da história e, seguindo Schopenhauer, criticavam as interpretações progressistas da mesma. Schopenhauer acreditava que seria a partir da arte e não da ciência que o homem se desprenderia desse mundo para alcançar algo maior em termos de conhecimento. Como afirma Cassirer, segundo Schopenhauer os métodos da ciência empírica e a abstração científica deveriam ser superados pela contemplação e a intuição.<sup>18</sup>

Para Schopenhauer, nós somente chegaríamos a essência das coisas na medida em que nos voltássemos para a contemplação. Segundo ele, “é apenas através desta contemplação pura e completamente absorvida no objeto que se concebem as ideias”<sup>19</sup>, somente ela teria a capacidade de levar o homem a escapar por alguns momentos de seus interesses e vontades para ser apenas o puro sujeito que conhece.

Tanto Nietzsche quanto Burckhardt desfrutavam de uma visão pessimista do mundo moderno, tendo como ponto de convergência a admiração de ambos pelas ideias de Schopenhauer. Nietzsche afirma, em uma de suas cartas, que era comum durante os seus passeios com o historiador que eles conversassem

---

<sup>17</sup>SCHOPENHAUER, Arthur. *O mundo como vontade e representação*. Tradução M.F. Sá Correia. Rio de Janeiro: Contraponto, 2001.

<sup>18</sup> Ibid., p. 390.

<sup>19</sup> Ibid., p. 195.

sobre Schopenhauer referindo-se a ele como o “nosso filósofo.”<sup>20</sup> Esse pessimismo, contudo, desenvolvia-se de forma diferente nos seus julgamentos acerca do papel da história. Enquanto Burckhardt adotava como método para se lidar com a história uma prática pautada na *Anschauung* (contemplação intuitiva)<sup>21</sup>, o jovem Nietzsche reivindicava para a história uma atitude ativa, criadora, transformadora e mais próxima da vida.

Para Burckhardt, a recordação das épocas passadas é algo próprio do espírito humano. Segundo o historiador, na nossa busca por compreender o passado, deveríamos cultivar uma visão desligada das intenções utilitárias, das considerações egoístas e de todo o tipo de interesses, um olhar livre, que só seria verdadeiramente alcançado através de uma *contemplação intuitiva*.

A *Anschauung* Burckhardtiana, essa mistura de contemplação e intuição, seria o procedimento eleito pelo historiador na investigação dos acontecimentos do passado. Burckhardt afirmava que deveríamos alcançar o conhecimento histórico por meio dessa contemplação intuitiva, de uma metodologia mais imediata que não perpassasse, inicialmente, os princípios da astúcia e da razão. A importância da *Anschauung* como processo de investigação do passado na vida do historiador é descrita por ele na carta abaixo:

Não posso fazer coisa alguma, a menos que tenha a contemplação como ponto de partida. E, é claro, incluo na contemplação a contemplação espiritual, como por exemplo a contemplação histórica advinda da impressão que recebemos das fontes. O que eu construí historicamente não é resultado de críticas e especulação, mas, ao contrário, da imaginação que preenche a lacuna da contemplação.<sup>22</sup>

<sup>20</sup>“Ontem à noite, tive o prazer, que gostaria de ter compartilhado com você acima de todos, de ouvir uma palestra de Jacob Burckhardt. Ele deu uma palestra sem anotações sobre a grandeza histórica que se situa inteiramente dentro de nossos pensamentos e sentimentos. Esse incomum homem de meia-idade realmente não tenta falsificar a verdade, mas encobri-la, apesar de que, em nossos passeios e conversas confidenciais, ele chama Schopenhauer de ‘nosso filósofo’”. Trecho da carta de Nietzsche a Von Geersdorff de 1870. DRU, A. “Introdução”. In: BURCKHARDT, J. *Cartas*, op. cit., p. 83.

<sup>21</sup>A palavra alemã *Anschauung* traduzida para o português assume diferentes significados. Alguns deles são: imagem clara; impressão nítida; intuição; contemplação; visão; concepção; conceito; noção; opinião; parecer; ideia e experiência própria. Ver: TOCHTROP, Leonardo. *Dicionário alemão-português*. São Paulo: Globo, 2006; *Dicionário alemão-português*. Porto Editora, 2000 e Langenscheidts Taschen -wörterbuch: Deutsch-Portugiesisch. Berlin und München: Langenscheidt KD, 2001. Nessa pesquisa, seguindo Peter Gay e Janaína Pereira de Oliveira, optamos por definir a *Anschauung* como apreensão intuitiva e contemplativa da realidade. GAY, P. *O Estilo na história*, op. cit., p. 160 e OLIVEIRA, J. *A História da Cultura como Crítica à Modernidade*, op. cit.

<sup>22</sup> Carta de 14 de junho de 1842 a Willibald Beyschlag, in BURCKHARDT, J. *Cartas*, op. cit., p. 162.

No que diz respeito à questão da história como obra de arte, podemos inferir que para Burckhardt uma grande parte da história, seria arte, ou melhor dizendo seria poesia. Como podemos notar na carta, de 19 de junho de 1842, endereçada a Karl Fresenius:

*(...) Para mim a história é poesia em sua escala mais grandiosa; não me entenda mal, não vejo isso de forma romântica ou fantástica, o que não valeria coisa alguma, mas como um maravilhoso processo de transformação, como o de uma crisálida, sempre com novas descobertas e revelações do espírito. É aí que me posiciono na praia do mundo – estendendo meus braços para o *fons et origo* de todas as coisas, e é por isso que a história é para mim pura poesia, que pode ser dominada por meio da contemplação. Vocês filósofos, vão além, seu sistema penetra nos profundos segredos do mundo, e, para vocês, a história é uma fonte de conhecimento, uma ciência, porque vocês vêem, ou pensam que vêem, as *primus agens* onde eu apenas vejo mistério e poesia. (...) Mas pense em mim como um artista, aprendendo e aspirando – pois eu também vivo em imagens e em contemplação. (...)*<sup>23</sup>

Para Burckhardt, a história e a arte, especialmente a poesia, teriam como pontos de contato, a próxima e necessária relação com a imaginação e a intuição, na sua origem mais pura. Dessa forma, poderíamos afirmar que para o historiador a história se aproximaria da arte, ou seria arte em grande parte do tempo, mas não totalmente, pois esta também traria consigo um persistente compromisso com os acontecimentos históricos.

Dessa forma, podemos afirmar que, para Burckhardt, a história, como ele a concebia pelo viés cultural, seria mais próxima da arte e da poesia, que da ciência. E que a sua missão, enquanto historiador-artista<sup>24</sup>, seria através de uma *contemplação intuitiva*, fazer emergir os mistérios do passado.

Na visão de Nietzsche, os estudos históricos do século XIX criaram uma oposição entre a história e a arte, tornando-a enfraquecida e sem um instinto criador. Como solução para essa questão, o filósofo afirma que “somente quando admite ser transformada em obra de arte, ou seja, numa pura criação da arte, é que a história pode eventualmente preservar ou mesmo despertar os instintos.”<sup>25</sup>

<sup>23</sup> Carta de 19 de junho de 1842 a Karl Fresenius, in BURCKHARDT, J. *Cartas*, op. cit., p. 165 [grifo nosso].

<sup>24</sup> Podemos observar isso no modo como o historiador define, na carta citada acima para Karl Fresenius, o seu ofício. Burckhardt afirmava se ver como um artista ou um poeta, sempre aprendendo e aspirando algo. Carta de 19 de junho de 1842 a Karl Fresenius, in BURCKHARDT, J. *Cartas*, op. cit., p. 165

<sup>25</sup> NIETZSCHE, F. “II Consideração Intempestiva”, op.cit, p. 129.

Nietzsche acreditava que o historiador deveria se afastar das exigências metodológicas científicas, uma vez que na sua visão, é pela proximidade com a arte, pela dosagem entre a memória e o esquecimento, que se torna possível o uso sadio da história. Segundo Noéli Correia, para Nietzsche:

Os estudos históricos não deveriam ser somente uma diversão ou um luxo, não deveriam ser puro trabalho de conhecimento, não deveriam simplesmente legitimar uma cultura estabelecida decadente, eles precisariam ao contrário promover a ação de quem busca algo no passado e quer construir um futuro.<sup>26</sup>

Sobre a relação entre a história e a ciência, Nietzsche afirma que a história moderna teve que ser racionalizada para poder ser aceita como ciência e, dessa forma, passou a se distanciar cada vez mais da vida. Conforme escreve Hayden White, na visão do filósofo “transformar a história numa ciência é fatal à sua função vivificante.”<sup>27</sup>

O saber histórico abundante, na opinião de Nietzsche, assola o homem moderno e faz dele um recipiente de informações, que carece de força plástica, potencial ativo e transformador. Sua interioridade o acorrenta. Segundo ele:

O homem moderno acaba por ter o estômago carregado de uma massa enorme de conhecimentos indigestos que como é dito no conto, rolam e se chocam no seu ventre. (...) O saber com o qual ele se empanturra frequentemente sem fome, às vezes mesmo sem necessidade, não age mais como uma força transformadora orientada para fora, fica dissimulado numa certa estranha soberbia, como sendo a sua “interioridade” específica.<sup>28</sup>

Na sua crítica à cultura histórica moderna, talvez uma crítica maior à cultura e à sociedade europeia do século XIX do que à história em si, o filósofo observa que o conhecimento com o qual o homem se farta não age como uma força para fora, que o leve a criar e a agir, mas fica escondido em sua interioridade, paralisando-o.

<sup>26</sup>SOBRINHO, Noéli. Apresentação e comentário. In: *Escritos sobre História*. op. cit, p. 16.

<sup>27</sup>WHITE, Hayden. *Meta-História: A Imaginação Histórica do Século XIX*. Trad. José Laurêncio de Melo. São Paulo: Edusp, 1992, p. 359.

<sup>28</sup>NIETZSCHE, F. “II Consideração Intempestiva”, op.cit, p. 100.